

## Definições de homossexuais masculinos em dicionários escolares

### *Definitions of male homosexuals in school dictionaries*

Hugo Leonardo Gomes dos SANTOS (UFC)  
*prof.hugoleo13@gmail.com*

Recebido em: 08 de jul. de 2020.  
Aceito em: 30 de jul. de 2020.

SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos. Definições de homossexuais masculinos em dicionários escolares. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 41-63, ago. 2020. DOI: 10.22168/2237-6321-10esp1985.

**Resumo:** Com o desenvolvimento das teorias linguísticas e da própria Lexicografia, várias pesquisas e abordagens diferentes foram propostas para dar conta da produção e da recepção das definições lexicográficas. Nessa pesquisa, tomando como base as discussões sobre a definição no âmbito da Metalexicografia (BOLINGER, [1985] 2008; BUGUEÑO MIRANDA, 2009; PONTES, 2009; PORTO DAPENA, 2002; WELKER, 2004), investigamos os recursos linguísticos empregados nos dicionários escolares tipo 3 para significar os homossexuais masculinos. A partir de um recorte de dados de Santos (2016), analisamos as entradas 'gay', 'homossexual', 'maricas' e 'pederasta' dos cinco dicionários selecionados, totalizando uma amostra de vinte verbetes. As definições foram analisadas com base nas categorias de definição propostas por Porto Dapena (2002), e os resultados apresentam a seguinte distribuição: 16 definições relacionais (44,5%), 12 definições hiperonímicas (33,3%), 6 definições sinonímicas (16,7%) e 2 definições pseudoperifrásticas (5,5%). Foi constatada uma tendência, na amostra, à utilização de definições relacionais, destacando o caráter metalinguístico dos dicionários. Outro aspecto relevante diz respeito aos traços semânticos utilizados nas definições que trazem à tona discussões sobre gênero social e sexualidade.

**Palavras-chave:** Metalexicografia. Definição. Traço semântico.

**Abstract:** With the development of linguistic theories and Lexicography itself, several different researches and approaches were proposed to account for the production and reception of lexicographic definitions. In this research, based on the discussions about definition in the scope of Metalexicography (BOLINGER, [1985] 2008; BUGUEÑO MIRANDA, 2009; PONTES, 2009; PORTO DAPENA, 2002; WELKER, 2004), we investigate the linguistic resources used in the type 3 school dictionaries to mean male homosexuals. Based on data from Santos (2016), we analyze the entry words 'gay', 'homossexual', 'maricas' and 'pederasta' from the five selected dictionaries, totaling a sample of twenty entries. The definitions were analyzed according to the definition categories proposed by Porto Dapena (2002) and the results have the following distribution: 16 relational definitions (44.5%), 12 hyperonymic definitions (33.3%), 6 synonymic definitions (16.7%) and 2 pseudoperipheral definitions (5.5%). It was found in the sample a trend to use relational definitions, highlighting the metalinguistic character of the dictionaries. Another relevant aspect concerns the semantic features used in the definitions that bring up discussions about social gender and sexuality.

**Keywords:** Metalexicography. Definition. Semantic feature.

## Introdução

No âmbito da Lexicografia, a definição tem sido alvo de interesse de pesquisadores e dicionaristas. Por ser a informação que, na maioria das vezes, leva alguém a consultar um dicionário, a definição precisa atender às necessidades comunicativas do consulente. Para tanto, precisa ser concisa, clara e objetiva. No entanto, sob o ponto de vista da elaboração, essa concisão e objetividade estão relacionadas a aspectos complexos de teoria e técnica lexicográfica, além das pressões editoriais para que a obra seja economicamente viável.

Focando em aspectos teóricos, é interessante destacar algumas pesquisas recentes que abordam a definição lexicográfica como objeto de estudo. Nunes (2010, p. 45) apresenta uma abordagem discursiva da definição de verbetes relacionados a pessoas que "se encontram no espaço público urbano". O autor busca elucidar como os padrões sintáticos utilizados nas definições apontam para as formações discursivas com que o lexicógrafo lida ao elaborar a definição.

Farias (2013) apresenta uma visão geral das definições e propõe bases para a formulação de uma teoria da definição lexicográfica. Para tanto, a autora parte da perspectiva da Linguística Cognitiva, levando em consideração as demandas comunicativas do consulente, os padrões sintáticos possíveis de acordo com os itens lexicais a serem definidos e a teoria semântica de base para a elaboração da paráfrase explanatória.

Embora adote bases teóricas semelhantes, Almeida (2019) apresenta uma abordagem diferente de Farias (2013). Com base nos estudos de categorização e corporificação da Linguística Cognitiva, Almeida (2019) descreve os padrões adotados por dicionários escolares tipo 3<sup>1</sup> para selecionar informações de diferentes naturezas (cor, tamanho, sabor etc.) para definir frutas.

Por fim, Santos (2016) propõe um diálogo entre a Metalexigrafia e a Linguística Sistêmico-Funcional para investigar como os homossexuais masculinos são representados e definidos em dicionários escolares tipo 3. O autor investiga as marcas de uso, as remissivas, as definições e os padrões sintáticos de transitividade desses segmentos.

A partir desses quatro trabalhos, podemos observar como a definição está envolta em uma trama complexa de teorias, gerando diferentes pontos de vista e diferentes abordagens para o fenômeno. Este trabalho apresenta um recorte de dados de Santos (2016), analisando as definições relacionadas aos homossexuais masculinos a partir de quatro entradas, 'gay', 'homossexual', 'maricas' e 'pederasta', presentes em cinco dicionários tipo 3. Dessa forma, nossa pesquisa propõe a abordagem da definição a partir de categorias da própria Metalexigrafia (BOLINGER, [1985] 2008; BUGUEÑO MIRANDA, 2009; PONTES, 2009; PORTO DAPENA, 2002; WELKER, 2004), em especial, a classificação de definições sinonímicas de Porto Dapena (2002).

Além da relevância teórica apontada, é interessante também destacarmos aqui a relevância social do presente trabalho. O debate sobre como os dicionários escolares abordam os homossexuais masculinos pode gerar impacto positivo no combate ao preconceito contra as sexualidades que não se adequam ao padrão heteronormativo.

Este artigo se encontra segmentado em cinco seções, tendo esta introdução como a primeira. Na segunda seção, abordamos a problemática da definição no campo da Metalexigrafia. Na terceira, apresentamos os aspectos metodológicos desta pesquisa. Na quarta, abordamos os verbetes selecionados e suas definições, classificando-as e discutindo as implicações das escolhas feitas pelos dicionaristas. Na quinta seção, apresentamos nossas considerações finais seguidas das referências dos trabalhos citados.

<sup>1</sup> Essa classificação de dicionários escolares por tipos é utilizada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para se referir a diferentes fases de escolarização. Os dicionários tipo 3 são voltados para os anos finais do ensino fundamental, 6º a 9º Ano (PONTES, 2009).

## Fundamentação teórica

Inicialmente, é interessante pensarmos o que seria uma definição. Rey (2000), levantando aspectos históricos e filosóficos pertinentes à definição de “definição”, aponta a existência de três possibilidades para a compreensão desse termo, a saber: a filosófica, a linguística e a científica.

Tradicionalmente, a definição lexicográfica é uma combinação da definição filosófica e da linguística. Segundo o autor, a perspectiva filosófica procuraria a expressão “da essência do ser”, buscando ser suficientemente ampla para abranger todos os usos da palavra em questão, em um determinado momento, e para permitir que seja diferenciada de outras palavras da mesma língua, em especial, quaisquer outras palavras semanticamente relacionadas à palavra definida. Já a perspectiva linguística buscaria o suporte de aspectos linguístico-filológicos, como os aspectos fonológicos, os morfológicos e os etimológicos, para expressar a definição do signo dentro do sistema linguístico.

A partir dessas características, podemos afirmar que as informações presentes no verbete lexicográfico, como um todo, correspondem às características apontadas por Rey (2000). No entanto, nosso interesse está centrado no núcleo da informação semântica do verbete, que recebe diferentes nomes de acordo com o autor: definição (GELPÍ ARROYO; CASTILHO, 2004; PONTES, 2009; WELKER, 2004), perífrase lexical (REY, 2000), paráfrase explanatória (BIDERMAN, 1984; BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2011), para citar algumas possibilidades.

De acordo com Gelpí Arroyo e Castillo (2004), a definição é uma fórmula padronizada que apresenta o conteúdo semântico do signo linguístico, delimitando o significado da lexia em relação a outras lexias do mesmo sistema linguístico. Nessa definição, é possível perceber como a perspectiva filosófica de Rey (2000) está presente na Lexicografia.

Ainda buscando definir o nosso objeto de interesse, é importante observar o que Biderman (1984) afirma sobre a definição. Segundo a autora,

A definição de um vocábulo vem a ser uma paráfrase dessa palavra, equivalente a ela semanticamente. Essa paráfrase deve ser redigida em linguagem simples, escoreita e ter sido formulada utilizando-se palavras muito freqüentes (sic) na língua, preferivelmente lexemas que façam parte do vocabulário básico. (BIDERMAN, 1984, p. 32)

Sobre as características apontadas por Biderman (1984), é importante destacar a ideia de **equivalência semântica** e as **características linguísticas** dessa paráfrase. Essa noção de equivalência encontra eco em Porto Dapena (2002), para quem a definição lexicográfica parte do pressuposto de que existe uma relação de equivalência entre a entrada (*definiendum*) e sua explicação (*definiens*). Essa relação seria expressa, inclusive, pela elipse dos verbos ‘ser’ ou ‘significar’ entre esses elementos.

Além do princípio da equivalência, Porto Dapena (2002) destaca a existência de outros cinco princípios: a comutabilidade, a identidade categorial, a identidade funcional, a transparência e a autossuficiência. Embora o próprio autor afirme que nem sempre esses princípios são necessários e importantes para uma definição ser tida como válida, eles estão todos relacionados ao princípio da equivalência, como veremos.

A comutabilidade se expressa pela possibilidade de substituição da entrada pela sua definição. Nesse sentido, a equivalência seria de extrema importância para garantir essa substituição. Porto Dapena (2002) ressalta que ela só ocorreria de fato em casos de sinonímia, no entanto sabe-se que a possibilidade de sinônimos perfeitos é praticamente nula, devido aos aspectos pragmáticos que envolvem os usos da língua.

A identidade categorial e a funcional também estão relacionadas à equivalência, tendo em vista que, de acordo com esses princípios, a definição deve necessariamente guardar as mesmas características morfo sintáticas da palavra entrada. Isso se traduz na manutenção da classe gramatical da palavra entrada na paráfrase definitória. Assim, se a entrada é um substantivo, a definição deveria, necessariamente, ser expressa por um sintagma nominal iniciado por um substantivo; caso a entrada seja um verbo, a definição deveria ser iniciada por um verbo.

A transparência está mais relacionada à capacidade de expressar com precisão os conceitos, em particular, relacionados à linguagem técnica, e tornar a definição compreensível ao leitor. Para tanto, é necessário usar palavras mais simples ou mais frequentes na definição.

A autossuficiência, por sua vez, está relacionada ao cuidado que o autor precisa ter com as palavras utilizadas na obra para evitar as chamadas ‘pistas perdidas’, isto é, a ausência, na nomenclatura do dicionário, de palavras usadas nas definições. Dessa forma, esse princípio está relacionado ao princípio anterior, tendo em vista que o uso de palavras mais frequentes pode auxiliar nesse controle do vocabulário.

Além desses princípios, Pontes (2009) ainda aponta outras orientações que o lexicógrafo deveria seguir: a definição deve ser completa sem ser longa; deve ser simples e clara, sem ser vaga; não deve ser circular; não deve ser negativa; não deve revelar nenhuma ideologia; e não deve conter a unidade léxica definida. Algumas dessas orientações, como a neutralidade ideológica, expressam uma abordagem estrutural do signo linguístico e vêm sendo questionadas tanto por pesquisadores como por lexicógrafos.

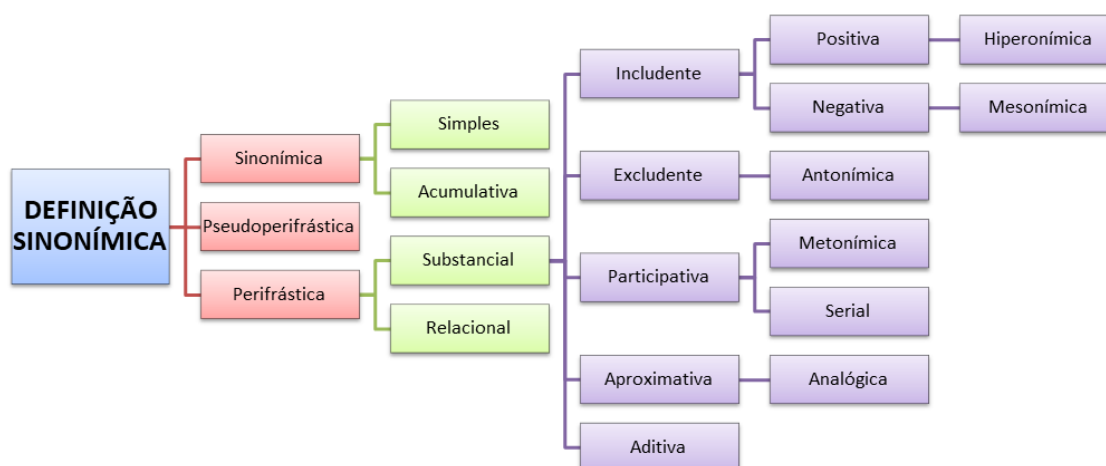
A linguagem utilizada para a construção das definições revela, de acordo com Porto Dapena (2002), dois níveis de metalinguagem: a metalinguagem de conteúdo e a metalinguagem de signo. A primeira está relacionada à exploração do conteúdo semântico da palavra-entrada, enquanto a segunda explora os aspectos linguísticos da entrada. Na prática, esses níveis se traduzem em tipos diferentes de definição, sendo a primeira ligada às definições de palavras lexicais, chamada **definição conceptual**, e a segunda, às definições de palavras gramaticais, chamada **definição funcional**. Embora diferentes, não são raros os casos em que ocorre a mescla desses tipos.

Além dessa classificação de acordo com a metalinguagem utilizada, existem outras possibilidades. Quanto à natureza das informações utilizadas na definição, podemos observar dois tipos: **definição lexicográfica**, que apresenta informações sobre as palavras, “não sobre coisas, nem sobre conceitos” (PONTES, 2009, p. 183), levando em consideração informações sobre a entrada em relação ao sistema linguístico; e **definição enciclopédica**, que “informa acerca das coisas, descreve processos, explica idéias (sic) ou conceitos, aclara situações, enumera partes, tamanhos” (PONTES, 2009, p. 183).

Uma terceira possibilidade de categorização se baseia no que Porto Dapena (2002) chama de definição sinonímica. É provável que o nome dessa categoria tenha sido escolhido devido ao princípio da equivalência. Por se tratar de uma categoria complexa, elaboramos um organograma (Figura 1) para facilitar a compreensão dos tipos e subtipos dessa categoria.



Figura 1 – Definições sinonímicas



Fonte: elaborado pelo autor com base em Porto Dapena (2002).

Como podemos observar, existem três tipos de definições sinonímicas: as **sinonímicas** propriamente ditas, as **pseudoperifrásticas** e as **perifrásticas**. O primeiro tipo de definição sinonímica apresenta aquelas constituídas apenas por sinônimos, podendo ser **sinonímicas simples**, quando apresentam apenas um sinônimo, ou **sinonímicas acumulativas**, quando apresentam uma sequência de sinônimos.

As **pseudoperifrásticas** são aquelas que apresentam um sinônimo e um contorno que consiste em uma expressão que restringe ou especifica o uso da entrada naquela acepção. O contorno não se confunde com a marca de uso, pois é parte da definição. É importante destacar que as definições por sinônimo não são bem vistas no âmbito da Lexicografia por não apresentarem uma análise semântica da entrada e se basearem na concepção de sinônimo perfeito.

O último tipo de definição sinonímica é chamado de perifrástica e se divide em dois subtipos: as substanciais e as relacionais. As definições substanciais, por sua vez, podem ser:

- a) **Includente positiva** ou **hiperonímica**: iniciada por um hiperônimo ou arquilexema (gênero próximo), que inclui a entrada numa categoria de palavras, seguido pelos seus traços semânticos diferenciadores (diferença específica), que distinguem a entrada dos demais elementos da categoria. Esta definição também é chamada de tradicional, lógica, aristotélica e analítica.

- b) **Includente negativa**: é iniciada por palavra de valor negativo, como “falta” ou “ausência”. Pode ser **mesonímica**, quando insere a entrada numa posição intermediária entre dois polos, apresentando uma dupla exclusão.
- c) **Excludente**: ocorre quando o arquilexema possui sentido negativo, ou pela negação do antônimo da entrada. Por isso, pode ser chamada de **antonímica**.
- d) **Participativa**: ocorre quando a entrada é definida como parte de um conjunto. Pode ser **metonímica**, quando existe uma relação de parte e todo, ou **serial**, quando existe uma ordenação entre os elementos.
- e) **Aproximativa** ou **analógica**: ocorre utilizando informações de natureza aproximativa ou por comparação.
- f) **Aditiva**: ocorre quando a definição apresenta uma sequência de características que se somam para formar a definição.

O outro subtipo de definições perifrásticas são as **definições relacionais**. Nesse caso, a definição é iniciada por um transpositor, um pronome demonstrativo ou relativo, e as características são expressas por uma oração. Pontes (2009) denomina esse tipo de metalinguística, pois, muitas vezes, a metalinguagem utilizada nesses casos é a de signo e não a de conteúdo.

Apresentada essa classificação das definições por Porto Dapena (2002), é interessante ainda destacar que a perspectiva adotada pelo autor ainda é muito marcada pela abordagem estruturalista da língua e cabem alguns comentários, principalmente no que concerne a um novo tipo de definição, a **definição oracional**. Rundell ([2006] 2008) chama essas definições de *full-sentence definitions*, já Farias (2009) prefere o termo *whole-sentence definition*, mas aqui preferimos o termo definição oracional, usado por Carvalho (2011) e Welker (2004).

Carvalho (2011) destaca que esse tipo de definição tem sido usada em obras brasileiras no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático – Dicionários (PNLD – Dicionários) desde o ano de 2006 em alguns dicionários tipo 1 e tipo 2<sup>2</sup>. Essa proposta de apresentar uma

<sup>2</sup> De acordo com a classificação de dicionários escolares do PNLD, esses dicionários são voltados para os anos iniciais do ensino fundamental: o tipo 1 para crianças em fase de alfabetização, 1º a 3º Ano, e o tipo 2 para crianças do 4º e 5º Ano (PONTES, 2009).



oração completa com a entrada figurando no interior da definição foi trazida à tona pelo Projeto Cobuild, chefiado pelo lexicógrafo inglês John Sinclair.

De acordo com Rundell ([2006] 2008, p. 199), Sinclair questiona a ideia de que as palavras seriam autossuficientes para portar o significado, destacando que, como o contexto de uso típico das palavras ajuda a construir seu significado, essa informação é relevante para a definição. Segundo o autor, “[...] as palavras quase nunca ocorrem isoladamente; portanto, não faz sentido defini-las isoladamente” (RUNDELL, [2006] 2008, p. 199).

Os estudos mais recentes em Metalexicografia, conforme Pontes (2009), apontam para o surgimento desse novo paradigma teórico sobre a relação entre a entrada e a definição. O autor afirma:

O novo paradigma concebe o significado léxico de modo contextualizado: de um lado, reconhecendo nele aspectos afetivos, sociais, culturais, enciclopédicos; de outro, levando em conta propriedades sintagmáticas das palavras e com suas características subcategoriais e aspectuais. (PONTES, 2009, p. 163)

Esse novo paradigma aponta para uma linguagem menos técnica, mais próxima da linguagem do usuário. Outro ponto positivo dessa nova concepção de definição cria um contexto para a compreensão da entrada, facilitando a compreensão da definição por pressentir as convenções técnicas da lexicografia tradicional. No entanto, Rundell ([2006] 2008) destaca que, ao rejeitar as convenções tradicionais, o Projeto Cobuild acaba por criar novas convenções que podem não ser claras à primeira vista para o usuário.

Outro aspecto negativo da definição oracional seria a extensão da definição. Por ser uma oração completa, a definição oracional impacta no tamanho do verbete e, por conseguinte, na abrangência da nomenclatura, na complexidade sintática, nas referências internas e remissões e no aumento de redundâncias (RUNDELL, [2006] 2008).

Bugueño Miranda e Farias (2011) também alertam para outro problema. Segundo os autores, a ausência de um *corpus* de base para a elaboração do dicionário e de uma teoria semântica que contemple a perspectiva cognitiva da linguagem pode acarretar a simples transposição da definição tradicional para uma oração, sem considerar o contexto prototípico da entrada e suas especificidades.

Bolinger ([1985] 2008, p. 196) afirma que esse processo de elaboração da definição “requer não apenas atenção à lógica e precisão,

mas também sensibilidade [...]”. Essa afirmação ganha importância no contexto em que, segundo o autor, a definição mais satisfatória para o sufixo ‘-less’, após análise de vários dicionários, era a menor, pertencente ao *Longman Dictionary of Contemporary English*, que se utilizava de cinco sinônimos:

(1) “falta”, que abrange o sentido de “privação” com valor negativo; (2) “isento de”, que abrange os sentidos com valor positivo; (3) “sem”, que cuida dos casos mais literais; e (4) “além” e (5) “que nunca ... ou isso não pode ser ...”, que cuida de poder e hipérbole.<sup>3</sup> (BOLINGER, [1985] 2008, p. 196).

Por fim, é importante ressaltar que, em nossa pesquisa, não encontramos definições oracionais e optamos pela classificação das definições sinonímicas de Porto Dapena (2002) como categorias de análise. Vale ressaltar também que, embora ainda marcada por uma perspectiva estrutural, essa classificação é abrangente e contempla diversas possibilidades de formulação da paráfrase definitória.

## Metodologia

50

Como o objetivo deste trabalho é investigar a partir de que padrões de definição os homossexuais masculinos são representados em dicionários escolares tipo 3, esta pesquisa se caracteriza como descritiva, de caráter qualitativo. Os dicionários que serviram de fonte para a extração do *corpus* foram os seguintes:

1. *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras* (DABL – BECHARA, 2011);
2. *Aurélio Júnior* – dicionário escolar da língua portuguesa (AJ – FERREIRA, 2011);
3. *Caldas Aulete* – minidicionário contemporâneo da língua portuguesa (CA – GEIGER, 2011);
4. *Dicionário didático da língua portuguesa* (DDLDP – RAMOS, 2011); e
5. *Saraiva jovem* – dicionário da língua portuguesa ilustrado (SJ – SARAIVA; OLIVEIRA, 2010).

Em Santos (2016), trabalhamos com um *corpus*, apresentado no Quadro 1, composto por 40 verbetes referentes a 11 entradas, cujos

<sup>3</sup> Texto fonte: “(1) “lacking”, which covers the negatively-valued “deprivation” sense; (2) “free from”, which covers the positively-valued senses; (3) “without”, which takes care of the most literal cases; and (4) “beyond” and (5) “that never . . . s or that cannot be . . . ed”, which takes care of power and hyperbole. (BOLINGER, [1985] 2008, p. 196).

critérios de seleção foram: (1) ser substantivo; e (2) apresentar, ao menos, uma acepção relacionada a homossexuais masculinos.

Quadro 1 – *Corpus principal*

Entradas	DABL (7)	AJ <sup>4</sup> (4)	CA (10)	DDL <sup>5</sup> (10)	SJ (9)	Total
<b>Baitola</b>	----	----	X	X	X	40
<b>Bicha</b>	X	----	X	X	X	
<b>Boiola</b>	----	----	X	X	X	
<b>Boneca</b>	X	----	X	X	X	
<b>Gay</b>	X	X	X	X	X	
<b>Homo</b>	----	----	----	X	----	
<b>Homossexual</b>	X	X	X	X	X	
<b>Maricas</b>	X	X	X	X	X	
<b>Mariquinhas</b>	----	----	X	----	----	
<b>Pederasta</b>	X	X	X	X	X	
<b>Veado</b>	X	----	X	X	X	

Fonte: adaptado de Santos (2016).

Para esta pesquisa, selecionamos apenas as entradas presentes nos cinco dicionários. Dessa forma, esta pesquisa conta com 20 verbetes<sup>5</sup> referentes a quatro entradas, são elas: ‘gay’, ‘homossexual’, ‘maricas’ e ‘pederasta’.

Os procedimentos de análise adotados nesta pesquisa foram os seguintes: (1) identificação das acepções em cada verbete que se referem a homossexuais masculinos; (2) categorização das definições de acordo com as categorias explanadas na seção anterior; (3) análise dos padrões encontrados, em termos percentuais, por dicionário e por verbete; e (4) discussão das possíveis implicações dos resultados obtidos. A seguir, partimos para a apresentação da análise dos dados.

## Análise dos dados e discussões

Nesta seção, apresentamos primeiro as análises das definições por dicionário, em seguida, reunimos os dados para apresentar um panorama geral por obra e por entrada e comentamos possíveis implicações das

<sup>4</sup> É importante destacar que o AJ apresenta mais quatro verbetes de nossa lista de entradas, sem registrar neles, no entanto, acepções relacionadas a homossexuais masculinos. Os verbetes são: “bicha”, “boneca”, “homo” e “veado”.

<sup>5</sup> O termo “verbetes” se refere ao texto consultado no dicionário, isto é, à palavra pesquisada e ao conjunto de informações que o dicionário apresenta sobre ela. Já o termo “entrada” se refere apenas à palavra que encabeça o verbete (PONTES, 2009; WELKER, 2004).

definições analisadas. O primeiro conjunto de verbetes a ser analisado são os que foram extraídos do DABL. Apresentamos, no Quadro 2, as análises operadas com base na classificação de Porto Dapena (2002).

Quadro 2 – Dados DABL

Entrada	Acepção selecionada	Tipo
<b>Gay</b>	1. Homossexual, geralmente referido ao sexo masculino.	Pseudo.
	2. Homossexual.	Sin.
	3. Referente ou próprio de homossexual.	Rel.
<b>Homossexual</b>	1. Que sente atração por ou tem relações sexuais com indivíduo do mesmo sexo.	Rel.
	2. Pessoa homossexual.	Hip.
<b>Maricas</b>	1. <i>pej.</i> Homem efeminado.	Hip.
	3. Que é efeminado ou medroso.	Rel.
<b>Pederasta</b>	Homem que tem relações sexuais com outro homem;	Hip.
	homossexual.	Sin.

Fonte: elaborada pelo autor.

Nesse conjunto, temos: três definições relacionais, três definições hiperonímicas, três definições sinonímicas e uma definição pseudoperifrástica. Sobre as definições sinonímicas e a pseudoperifrástica, todas usam o mesmo sinônimo, ‘homossexual’. O contorno definicional da primeira acepção do verbete ‘gay’ faz referência ao uso mais frequente da entrada para se referir a pessoas do sexo masculino. As definições hiperonímicas, presentes em ‘homossexual’, ‘maricas’ e ‘pederasta’, trazem como hiperônimo as palavras ‘pessoa’ e ‘homem’, já os traços distintivos fazem referência a ‘homossexualidade’, ‘feminilidade’, e ‘ter relação sexual com pessoa do mesmo sexo’. As definições relacionais, por sua vez, são iniciadas pelos transpositores ‘referente a’, ‘próprio de’ e ‘que’, já as características transpostas dizem respeito a ‘homossexualidade’, ‘sentir atração sexual por indivíduo do mesmo sexo’, ‘ter relação sexual com indivíduo do mesmo sexo’, ‘feminilidade’ e ‘sentir medo’. É importante ressaltar aqui que as duas definições de ‘pederasta’, na verdade, são uma sequência de definições da mesma acepção, separadas aqui para fins analíticos, mas funcionam em conjunto como complemento uma da outra.

No Quadro 3, apresentamos as análises do segundo conjunto de verbetes, extraídos do AJ.

Quadro 3 – Dados AJ

<b>Entrada</b>	<b>Acepção selecionada</b>	<b>Tipo</b>
<b>Gay</b>	<b>1.</b> Que é homossexual.	Rel.
	<b>2.</b> Homossexual.	Sin.
<b>Homossexual</b>	<b>1.</b> Pessoa que sente atração sexual por pessoas do mesmo sexo.	Hip.
	<b>2.</b> De, ou relativo a homossexual (1).	Rel.
<b>Maricas</b>	Indivíduo efeminado, ou medroso.	Hip.
<b>Pederasta</b>	Aquele que é dado à pederastia.	Rel.

Fonte: elaborada pelo autor.

Nesse segundo conjunto, temos: três definições relacionais, duas definições hiperonímicas e uma definição sinonímica. A definição sinonímica apresenta, como sinônimo, a palavra ‘homossexual’. As definições hiperonímicas, em ‘homossexual’ e ‘maricas’, trazem como hiperônimo as palavras ‘pessoa’ e ‘indivíduo’, já os traços distintivos fazem referência a ‘sentir atração sexual por pessoa do mesmo sexo’, ‘feminilidade’ e ‘sentir medo’. As definições relacionais, por sua vez, são iniciadas pelos transpositores ‘que’, ‘de’, ‘relativo a’ e ‘aquele’, já as características transpostas dizem respeito à ‘homossexualidade’ e ‘pederastia’.

No Quadro 4, apresentamos as análises do terceiro conjunto de verbetes, extraídos do CA.

Quadro 4 – Dados CA

<b>Entrada</b>	<b>Acepção selecionada</b>	<b>Tipo</b>
<b>Gay</b>	<b>1</b> Homem homossexual.	Hip.
	<b>2</b> Homossexual.	Sin.
	<b>3</b> Próprio ou típico de homossexual	Rel.
<b>Homossexual</b>	Que ou quem sente atração por e/ou tem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo.	Rel.

<b>Maricas</b>	<i>Pej. Pop.</i> Que ou quem é afeminado ou medroso (diz-se de homem ou garoto).	Rel.
<b>Pederasta</b>	Homem que tem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo;	Hip.
	HOMOSSEXUAL.	Sin.

Fonte: elaborada pelo autor.

No terceiro conjunto, temos: três definições relacionais, duas definições hiperonímicas e duas definições sinonímicas. Sobre as sinonímicas, tanto em 'gay' quanto em 'pederasta', vemos o mesmo sinônimo, 'homossexual'. As definições hiperonímicas, nos verbetes 'gay' e 'pederasta', trazem como hiperônimo a palavra 'homem' e os traços distintivos relativos a 'homossexualidade' e a 'ter relação sexual com pessoa do mesmo sexo'. As definições relacionais, por sua vez, são iniciadas pelos transpositores 'próprio de', 'típico de', 'que' e 'quem', já as características transpostas dizem respeito a 'homossexualidade', 'sentir atração sexual por pessoa do mesmo sexo', 'ter relação sexual com pessoa do mesmo sexo', 'feminilidade' e 'sentir medo'. É importante ressaltar aqui que, no verbe 'pederasta', observamos a mesma construção de sequência de definições identificada na mesma entrada no DABL. Novamente, as definições foram separadas aqui para fins de análise, mas funcionam como complemento uma da outra.

No Quadro 5, apresentamos as análises do quarto conjunto de verbetes, extraídos do DDLP.

Quadro 5 – Dados DDLP

<b>Entrada</b>	<b>Acepção selecionada</b>	<b>Tipo</b>
<b>Gay</b>	<b>1</b> Da homossexualidade ou relacionado a ela.	Rel.
	<b>2</b> Pessoa homossexual.	Hip.
<b>Homossexual</b>	<b>1</b> Da homossexualidade ou relacionado a ela.	Rel.
	<b>2</b> Que ou quem sente atração sexual por indivíduos do mesmo sexo.	Rel.
<b>Maricas</b>	<b>1</b> <i>popular</i> Em relação a uma pessoa do sexo masculino, que é afeminada.	Rel.
<b>Pederasta</b>	<b>1</b> <i>pejorativo</i> Homem homossexual.	Hip.
	<b>2</b> <i>pejorativo</i> Homem adulto que tem relações sexuais com um rapaz.	Hip.

Fonte: elaborada pelo autor.



Nesse quarto conjunto, temos: quatro definições relacionais e três definições hiperonímicas. As definições hiperonímicas, presentes em ‘gay’ e ‘pederasta’, trazem como hiperônimo as palavras ‘pessoa’ e ‘homem’, já os traços distintivos se referem a ‘homossexualidade’, ‘idade adulta’ e ‘ter relação sexual com pessoa do mesmo sexo’. As definições relacionais são iniciadas pelos transpositores ‘da’, ‘relacionado a’, ‘que’ e ‘quem’, já as características transpostas dizem respeito a ‘homossexualidade’, ‘sentir atração sexual por indivíduo do mesmo sexo’ e ‘feminilidade’. É interessante destacar também a existência de um contorno definicional, no verbete ‘maricas’, que informa ao consulente que aquele sentido se refere a pessoas do sexo masculino. Esse mesmo recurso foi utilizado no verbete ‘gay’ do DABL.

No Quadro 6, apresentamos as análises do último conjunto de verbetes, extraídos do SJ.

Quadro 6 – Dados SJ

Entrada	Acepção selecionada	Tipo
<b>Gay</b>	1. Homossexual	Sin.
	2. relativo aos homossexuais.	Rel.
<b>Homossexual</b>	1. Relacionado ao interesse sexual ou amoroso por pessoas do mesmo sexo	Rel.
	2. pessoa que tem esse interesse	Hip.
<b>Maricas</b>	<i>pej pop</i> Que ou quem se amedronta com facilidade ou tem modos afeminados.	Rel.
<b>Pederasta</b>	Homem que mantém relações sexuais com outro homem;	Hip.
	homossexual masculino.	Pseudo.

Fonte: elaborada pelo autor.

No quinto conjunto, temos: três definições relacionais, duas definições hiperonímicas, uma definição sinonímica e uma definição pseudoperifrástica. Sobre as definições sinonímica e pseudoperifrástica, ambas usam o mesmo sinônimo, ‘homossexual’, como definição. O contorno definicional da segunda acepção do verbete ‘pederasta’ faz referência à restrição da entrada para se referir a pessoas do sexo masculino. As definições hiperonímicas, presentes em ‘homossexual’ e ‘pederasta’, trazem como hiperônimo as palavras ‘pessoa’ e ‘homem’, já os traços distintivos fazem referência a ‘interesse sexual por pessoa do

mesmo sexo', 'interesse amoroso por pessoa do mesmo sexo' e 'manter relações sexuais com pessoa do mesmo sexo'. Por sua vez, as definições relacionais são iniciadas pelos transpositores 'relativo a', 'relacionado a', 'que' e 'quem', já as características transpostas dizem respeito a 'homossexualidade', 'interesse sexual por indivíduo do mesmo sexo', 'interesse amoroso por pessoa do mesmo sexo', 'feminilidade' e 'sentir medo'. É importante ressaltar aqui que, no verbete 'pederasta', observamos a mesma construção de sequência de definições identificada na mesma entrada no DABL e no CA. Novamente, as definições foram separadas aqui para fins de análise, mas funcionam como complemento uma da outra.

Feitas as descrições dos dados, é interessante traçarmos um panorama geral desses dados, tanto por obra, quanto por entrada, para observarmos as regularidades e padrões de definição. No Quadro 7, apresentamos essa visão geral da distribuição dos tipos de definições por dicionário.

Quadro 7 – Visão geral por dicionário

Definição	DABL (9)	AJ (6)	CA (7)	DDL (7)	SJ (7)	Total (36)
<b>Hiperonímica</b>	<b>3 (33,3%)</b>	2 (33,3%)	2 (28,6%)	3 (42,8%)	2 (28,6%)	12 (33,3%)
<b>Sinonímica</b>	2 (22,2%)	1 (16,7%)	2 (28,6%)	0	1 (14,3%)	6 (16,7%)
<b>Relacional</b>	<b>3 (33,3%)</b>	<b>3 (50%)</b>	<b>3 (42,8%)</b>	<b>4 (57,2%)</b>	<b>3 (42,8%)</b>	<b>16 (44,5%)</b>
<b>Pseudoperif.</b>	1 (11,2%)	0	0	0	1 (14,3%)	2 (5,5%)

Fonte: elaborada pelo autor.

De forma geral, é possível observar que, a partir dessa amostra, os dicionários apresentam uma tendência a utilizar a definição relacional, com valores percentuais entre 30% e 60%. Apenas o DABL apresentou quantidade de ocorrências de definições hiperonímicas igual à quantidade de definições relacionais. Esse dado reforça o caráter metalinguístico dos dicionários, preocupados, à primeira vista, com a definição dos signos e não dos objetos no mundo.

O baixo percentual de definições sinonímicas e pseudoperifrásticas, ao todo 22,2% da amostra, nos leva a crer que as obras estão preocupadas em apresentar definições mais complexas

que, de fato, resolvam os problemas dos consulentes. Embora nem todas as definições relacionais apresentem as características e os traços semânticos da entrada, elas apresentam, em geral, maior complexidade semântica do que as sinonímicas.

Sobre a grande quantidade de ocorrências de definições relacionais e hiperonímicas, é importante destacar também que a preferência por definições mais prototípicas do gênero ‘verbo lexicográfico’ nos dicionários tipo 3 reforça a compreensão da classificação por tipos, operada pelo PNLD – Dicionários desde 2006, propõe um aumento da complexidade das estruturas lexicográficas ao longo do desenvolvimento escolar dos estudantes. Enquanto os dicionários tipo 1 e tipo 2, conforme Carvalho (2011), apresentam considerável uso de definições oracionais, constatamos o uso da sintaxe típica dos dicionários tradicionais nos dicionários tipo 3.

No entanto, nossa pesquisa trata de uma amostra pequena de verbetes para tecer comentários mais assertivos sobre os tipos de definição usadas nos dicionários como um todo. Então, partimos para a visão geral dos tipos de definição por entrada, Quadro 8, e vamos discutir os recursos linguísticos empregados em cada uma.

57

Quadro 8 – Visão geral por entrada

Entrada	Tipo de definição			
	Hiperonímica	Sinonímica	Relacional	Pseudoperif.
<b>Gay</b>	2 (16,6%)	4 (33,3%)	<b>5</b> <b>(41,7%)</b>	1 (8,4%)
<b>Homossexual</b>	3 (33,3%)	0	<b>6</b> <b>(66,7%)</b>	0
<b>Maricas</b>	2 (33,3%)	0	<b>4</b> <b>(66,7%)</b>	0
<b>Pederasta</b>	<b>5</b> <b>(55,6%)</b>	2 (22,2%)	1 (11,1%)	1 (11,1%)

Fonte: elaborada pelo autor.

Como é possível observar em destaque, no Quadro 8, os verbetes ‘gay’, ‘homossexual’ e ‘maricas’ costumam apresentar definições relacionais, enquanto o verbo ‘pederasta’ costuma apresentar definições hiperonímicas. Um detalhe do verbo ‘gay’ é a ocorrência alta de definições sinonímicas também.

Como observado na descrição dos conjuntos de verbetes, as definições sinonímicas e pseudoperifrásticas usam como sinônimo a

palavra 'homossexual'. Em Santos, Pontes e Praxedes Filho (2019), observamos que esse recurso, juntamente com as remissivas, cria uma rede medioestrutural entre as entradas que conduzem o consulente das entradas marcadas para as entradas não marcadas. No caso, o verbete 'homossexual' estaria no centro da rede medioestrutural dos dicionários em análise.

Os contornos definicionais encontrados em 'gay' do DABL, 'maricas' do DDLP e 'pederasta' do SJ dizem respeito à restrição de uso das entradas para pessoas do sexo masculino. Porém, em 'maricas' do CA, além dessa restrição ao sexo masculino, há também a referência a possibilidade de se referir a um 'garoto'. É interessante destacar que 'maricas' é um dos verbetes marcados, de acordo com Santos, Pontes e Praxedes Filho (2019), como 'pejorativo'. Assim, esse contorno acaba por registrar o preconceito enfrentado por crianças do sexo masculino que apresentam características tidas como desviantes do padrão de masculinidade socialmente prestigiado.

Sobre as definições relacionais, os transpositores utilizados para introduzir essas definições servem para manter a identidade categorial e funcional. Alguns mantinham o valor de adjetivo da definição, como 'referente a', 'relativo a', 'próprio de' e 'da', enquanto outros mantinham o valor nominal da definição, 'que', 'quem' e 'aquele'. Sobre as características atribuídas aos homossexuais masculinos nessas definições, optamos por reuni-las às características atribuídas nas definições hiperonímicas por se tratarem basicamente das mesmas.

As definições hiperonímicas apresentam as palavras 'pessoa', 'homem' e 'indivíduo' em seu início. Por se tratar de hiperônimos, podemos inferir a existência de categorias superordenadas em que os homossexuais masculinos referidos pelas entradas são inseridos. Dessa forma, parece haver abertura para tratar de expressões diferentes de masculinidades ao inserir os homossexuais masculinos na categoria de 'homem'.

A necessidade de destacar essa possibilidade tem como base o trabalho de Pontes e Santos (2014), que, ao estudar as representações de 'homem' e 'mulher' no *Dicionário de usos do português do Brasil* (DUP – BORBA, 2002), destacam que um dos recursos usados para representar o 'homem' é estabelecer uma comparação com o que os autores chamaram de 'não homem'. Em um dos exemplos de uso analisados, havia a frase: “*pode ser até que ele não seja nem mesmo homem com agá maiúsculo*” (BORBA, 2002, p. 818).

Esse dicionário foi elaborado, seguindo os princípios da Linguística de *Corpus*, a partir de um *corpus* jornalístico, literário e técnico, que abrangia as décadas de 1950 a 1990. Dessa forma, ao comparar os usos registrados no DUP com essa abertura em dicionários escolares atuais, vislumbramos a possibilidade de que os debates sobre sexualidades e gêneros sociais estejam contribuindo para um novo posicionamento da sociedade, marcado linguisticamente nos usos registrados nos dicionários, sobre essas questões. No entanto, como vemos, essa abertura estaria restrita aos hiperônimos, não se manifestando no contorno definicional, como destacado anteriormente, nem nas características atribuídas aos homossexuais masculinos, como veremos mais adiante.

Sobre as características dos homossexuais masculinos, tanto as definições relacionais quanto as hiperonímicas atribuem diversas características a esses indivíduos. As características mais recorrentes são: ‘homossexualidade’, ‘sentir atração sexual por pessoa do mesmo sexo’, ‘ter/manter relação sexual com pessoa do mesmo sexo’, ‘feminilidade’ e ‘sentir medo’.

Novamente, baseados em Santos, Pontes e Praxedes Filho (2019), é interessante destacar que algumas dessas características estão em entradas marcadas como ‘pejorativas’. As características ‘feminilidade’ e ‘sentir medo’, presentes em ‘maricas’, se referem a características que, em pessoas do sexo masculino, desviam do padrão de masculinidade prestigiado em nossa sociedade.

As características ‘homossexualidade’, ‘sentir atração sexual por pessoa do mesmo sexo’ e ‘ter/manter relação sexual com pessoa do mesmo sexo’ aparecem em verbetes marcados, ‘pederasta’, e não marcados, ‘gay’ e ‘homossexual’. Entre as entradas ‘gay’ e ‘homossexual’ parece haver sinonímia, então, é preciso compreender que aspectos diferenciam ‘homossexual’ e ‘pederasta’.

Nesse sentido, a diferença entre essas entradas pode ser observada no seguinte aspecto: há, em ‘homossexual’ do SJ, a indicação da característica ‘ter interesse amoroso em pessoa do mesmo sexo’, trazendo à tona o aspecto afetivo das homossexualidades. O foco dado na maioria dos dicionários está no sexo, tanto o desejo quanto o ato sexual. Cabe ressaltar aqui que a definição de ‘pederasta’ do AJ faz referência a ‘pederastia’, definida no mesmo dicionário sob o ponto de vista do sexo carnal, reforçando o foco sexual dessas definições.

Ainda sobre o verbete ‘pederasta’, é importante registrar também que o DDLP alerta seus consulentes para o uso impróprio dessa entrada para se referir a ‘pedófilo’. Essa relação entre essas entradas, mesmo que destacada como imprópria, pode contribuir para o uso pejorativo de ‘pederasta’. Dessa forma, podemos perceber que, embora pareçam semanticamente iguais, os usos sociais que fazemos das entradas ‘homossexual’ e ‘pederasta’ revelam suas diferenças.

### **Considerações finais**

O objetivo desta pesquisa foi analisar as definições relacionadas aos homossexuais masculinos presentes em quatro entradas, ‘gay’, ‘homossexual’, ‘maricas’ e ‘pederasta’, extraídas de cinco dicionários tipo 3. A partir das discussões no âmbito da Metalexicografia e da classificação de definições sinonímicas de Porto Dapena (2002), analisamos as definições dos vinte verbetes de nossa amostra e encontramos a seguinte distribuição: 16 definições relacionais (44,5%), 12 definições hiperonímicas (33,3%), 6 definições sinonímicas (16,7%) e 2 definições pseudoperifrásticas (5,5%).

Dessa forma, a amostra apontou uma tendência a dar relevo ao caráter metalinguístico dos dicionários. Através das definições relacionais e hiperonímicas, que somam mais de 75% das ocorrências da amostra, os dicionários tipo 3 ajudam o consulente a compreender as características linguísticas típicas dos verbetes lexicográficos de dicionários gerais, inserindo o novo consulente na prática de consulta às obras de referência.

Através dos itens lexicais usados nas definições analisadas e das possíveis características dos homossexuais masculinos apontadas nos verbetes, foi possível perceber que essas definições registram usos e práticas sobre as sexualidades e sobre gêneros sociais atualmente em debate. Dessa forma, o trabalho com esses verbetes pôde contribuir para suscitar reflexões a respeito desses temas e gerar mudanças sociais.

No entanto, cabem mais pesquisas sobre o assunto, envolvendo outras estruturas lexicográficas para que se tenha uma visão ampla sobre a temática. Nesse sentido, podemos apontar três possibilidades de caminhos e desdobramentos para pesquisas futuras. Primeiro, pode-se aumentar a amostra de verbetes e definições para atestar o maior uso de definições relacionais ou hiperonímicas, uma vez que a maioria dos autores aponta a definição hiperonímica como a mais recorrente.



Segundo, pode-se desenvolver análises como as que empreendemos aqui utilizando uma amostra de verbetes referentes a outras sexualidades e a outros gêneros sociais. Santos (2016) fez um levantamento inicial de mais de vinte entradas relacionadas a sexualidades e gêneros sociais por dicionário antes de optar pelo recorte da homossexualidade masculina. Assim, seria possível analisar verbetes relacionados às homossexualidades femininas ou às transexualidades, por exemplo.

Terceiro, a partir da discussão da palavra ‘homem’ como hiperônimo e do trabalho de Pontes e Santos (2014), pode-se pensar na investigação da representação do homem e da mulher em dicionários escolares atuais. Essa pesquisa poderia trazer à tona reflexões sobre as marcas linguísticas dos feminismos e das discussões atuais sobre os gêneros sociais e o papel da mulher nos dicionários escolares.

Por fim, é interessante aqui apontar a necessidade de revisão dos princípios que regem a prática lexicográfica. O princípio que diz que a definição não deve revelar ideologia, por exemplo, é falho, tendo em vista que a produção de um dicionário opera um recorte na língua e, assim, o faz sob um determinado ponto de vista. Por sua vez, esse ponto de vista é necessariamente social, cultural e historicamente marcado, perpassando, portanto, as ideologias do momento.

## Referências

- ALMEIDA, E. C. **Categorização e corporificação em dicionários escolares:** uma análise do paradigma definicional. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2019. Disponível em: <[http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2020/01/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_EVERTON-CASTRO-DE-ALMEIDA.pdf](http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2020/01/DISSERTA%C3%87%C3%83O_EVERTON-CASTRO-DE-ALMEIDA.pdf)>. Acesso em: ago. 2020.
- BECHARA, E. (org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, v. 28, n. Supl., p. 27–40, 1984. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107592>>. Acesso em: ago. 2020.
- BOLINGER, D. Defining the indefinable. In: FONTENELLE, T. (Ed.). **Practical lexicography: a reader**. Nova Iorque: Oxford University Press., 2008, p. 193–196.
- BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V. S. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. **Alfa**, v. 55, n. 1, p. 31-61, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/130158>>. Acesso em: ago. 2020.

CARVALHO, O. L. de S. Dicionários escolares: definição oracional e texto lexicográfico. In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 87-104.

FARIAS, V. S. Whole-sentence versus definição por genus proximum + differentiae specifica: um contraste entre duas técnicas definitórias. **Revista Estudos da Linguagem**, v. 17, n. 1, p. 73-100, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2521>>. Acesso em: ago. 2020.

FARIAS, V. S. **Sobre a definição lexicográfica e seus problemas**: fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos. 2013. 398 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/90167>>. Acesso em: ago. 2020.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

GEIGER, P. (org.). **Caldas Aulete**: minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GELPÍ ARROYO, C.; CASTILLO, N. As definições de conceitos especializados em dicionários especializados. **Cadernos de tradução**, n. 17, p. 129-136, 2004.

NUNES, J. H. Espaço urbano, sujeito e dicionário: definição e formas do silêncio. **Fragmentum**, n. 26, p. 45-54, jul./set. 2010.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PONTES, A. L.; SANTOS, H. L. G. A representação do homem e da mulher no Dicionário de Usos do português do Brasil. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 123-140, dez. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/84308>>. Acesso em: ago. 2020.

PORTO DAPENA, J.A. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arcos Libros S. L., 2002.

RAMOS, R. A. (ed. resp.). **Dicionário didático de língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: SM, 2011.

REY, A. Introduction: Defining definition. In: SAGER, J. C. (Ed.). **Essays on definition**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2000, p. 1-14.

RUNDELL, M. More than one way to skin a cat: why full-sentence definitions have not been universally adopted. In: FONTENELLE, T. (Ed.). **Practical lexicography: a reader**. Nova Iorque: Oxford University Press., 2008, p. 197-209.

SANTOS, H. L. G. **Verbetes lexicográficos e processos:** uma abordagem metalexicográfica e sistêmico-funcional de dicionários escolares. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Fortaleza, 2016. Disponível em: <[http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%C3%A7%C3%A3o\\_Hugo-Leonardo\\_.pdf](http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%C3%A7%C3%A3o_Hugo-Leonardo_.pdf)>. Acesso em: ago. 2020

SANTOS, H. L. G.; PONTES, A. L.; PRAXEDES FILHO, P. H. L. Marcas de uso e redes medioestruturais de verbetes sobre homossexual masculino em dicionários escolares. **Domínios de lingu@gem**, v. 12, n. 4, p. 2384–2410, 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41313>>. Acesso em: ago. 2020.

SARAIVA, K. S. A.; OLIVEIRA, R. C. G. **Saraiva jovem:** dicionário da língua portuguesa ilustrado. São Paulo: Saraiva, 2010.

WELKER, H. A. **Dicionários:** uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.